

**A INFLUÊNCIA DO PATRIARCALISMO NA IDENTIDADE FEMININA EM
MULHER NO ESPELHO, DE HELENA PARENTE**

**THE INFLUENCE OF PATRIARCHALISM IN THE FEMININE IDENTITY OF
WOMEN IN THE MIRROR, BY HELENA PARENTE**

Regilane Barbosa Maceno¹

RESUMO: Na cultura patriarcal, a mulher é colocada na posição de alteridade. Desse modo, é considerada parte da natureza e, como tal, deve ser possuída e domesticada. Ela margeia as relações e está sempre silenciada pela “lei do pai”. Subjugada e cerceada, a mulher não tem atuação, pois não é considerada como sujeito que possa contribuir com a sociedade. Nesse processo, sua identidade também é engendrada pelo outro, alterando sua própria imagem. Este artigo propõe a analisar o romance *Mulher no espelho*, tendo como bases os conceitos de identidade e patriarcalismo, observando como essas concepções estão imbricadas na construção da visão que a mulher tem de si mesma e do outro. Para tanto, usaremos as contribuições de teóricos que discutem a questão da identidade na Pós-modernidade, tais como Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (1998), bem como os construtos de Lúcia Osana Zolin (2009), Heleeieth Saffioti (2012), Michele Perrot (2005), Teresa Laurentis (1994), dentre outros que se fizeram necessários.

Palavras-chave: Identidade. Patriarcalismo. Mulher no espelho.

ABSTRACT: In patriarchal culture, the woman is placed in the position of otherness. In this way, it is considered part of nature and, as such, must be owned and tamed. It borders on relationships and is always silenced by the "father's law." Subjugated and restricted, the woman does not act, because she is not considered as subject that can contribute with the society. In this process, your identity is also engendered by the other, altering your own image. This article proposes to analyze the novel *Woman in the mirror*, based on the concepts of identity and patriarchalism, observing how these conceptions are intertwined in the construction of woman's view of herself and the other. For that, we will use the contributions of theorists who discuss the question of identity in postmodernity, such as Stuart Hall (2006) and Zygmunt Bauman (1998), as well as the constructs of Lucia Osana Zolin (2009), Heleeieth Saffioti (2012), Michele Perrot (2005), Teresa Laurentis (1994), among others that became necessary.

Keywords: Identity. Patriarchy. Woman in the mirror.

As questões relativas ao sujeito feminino por muito tempo foram silenciadas pela cultura patriarcal, em que predominava os valores masculinos. Desse modo, a identidade das mulheres sempre foi forjada na alteridade, em século de submissão total ao gênero dominante. Apesar das transformações ocorridas nas sociedades, no *modus vivendi* das comunidades e na própria evolução humana como ser social, esses valores de subserviência do gênero feminino ao masculino sobreviveram a regimes e sistemas políticos nas sociedades ao redor do mundo, apenas com

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI; Especialista em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI; Graduada em Letras (Português) pela Universidade Federal do Piauí- UFPI; Professora de Língua Portuguesa da SEMED-Codó. Email: regilane.maceno@hotmail.com

alterações em seus aspectos. As bases conjecturais de superioridade e subordinação da mulher ao homem permanecem perceptíveis.

É na sociedade “Pós-moderna”, caracterizada pelo grito das vozes até então emudecidas das minorias e subversão aos conceitos estabelecidos como os mais nobres e elevados, que as discussões sobre a construção de identidade e gênero ganham relevo no campo dos estudos literários, especialmente na segunda metade do século XX. Nesse momento, a crítica literária passou a considerar os elementos extrínsecos às obras, dentre eles o papel do leitor e o contexto social.

Dentro da sociedade “Pós-moderna”, Hall (2006) considera que o feminismo foi um dos cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas, contribuindo para o movimento de descentramento da noção de sujeito, o que permitiu e fomentou as discussões, sobretudo no meio acadêmico, dessas questões de minorias. Com isso, tem-se presenciado uma mudança profunda de paradigmas no tocante ao tema nos estudos científico das ciências humanas no Ocidente. Na América Latina, em particular, a exploração desses conceitos e o processo de desconstrução dos mesmos são evidentes, tendo em vista a ideia de um sujeito híbrido, hifenizado e em permanente negociação identitária, como asseveram os teóricos dos estudos culturais, como Hall (2006), Bauman (2005) e Bhabha (2013), por exemplo.

Nesse lugar de quiasmas, em que a identidade é fragmentada, a mulher vem ganhando cada vez mais espaço e voz, provocando mudanças significativas em sua atuação como sujeito participativo da sociedade. Segundo Zolin,

do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase que exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo. (ZOLIN, 2009, p. 328).

Ainda de acordo com Zolin, “a intenção é promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso que se quer novo”, pois esse reconhecimento da mulher contribui para a desestabilização dos arquétipos já sacramentados, tais como homogeneização, essencialismo e universalização, que ancoram o patriarcado.

O feminismo desconstrói o conceito dicionarizado de gênero, livrando-o do binarismo instituído. Para Laurentis (1994, p. 206), “o conceito de gênero como diferença sexual tem servido de base de sustentação na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos definidos pelas ciências física e sociais e pelas ciências humanas”. A autora entende que,

assim como a própria sexualidade, o gênero não pode ser visto como uma propriedade do corpo, nem como algo que existe inato ao ser humano, mas como representações socialmente produzidas nas relações sociais, por meio do desdobramento de uma “complexa tecnologia política”, produzida, difundida, mantida e dominada pelo discurso patriarcal.

Perrot (2005, p. 18) corrobora esse pensamento e acrescenta que a “dominação se faz por meio de definições e redefinições de estatutos ou de papéis que não concernem unicamente às mulheres, mas ao sistema de reprodução de toda a sociedade”. As convenções sociais determinam a masculinidade e a feminilidade dos sujeitos, e têm seu horizonte de expectativa alargado quando um indivíduo não se sente confortável ou se recusa a usufruir daquilo considerado típico para seu gênero. As vivências de masculinidade e feminilidade estão, pois, sujeitas a metamorfoses e adaptações.

Assim, pensar na transformação social envolve transgredir normas pré-estabelecidas de comportamento, de dominação e de poder impostas pela sociedade aos gêneros. Devemos considerar que existem diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis ao longo do tempo como o é uma sociedade e, que “a história não pode voltar atrás ou ser apagada com base na nostalgia.” (SPIVAK, 1994, p. 199).

De todo modo, o patriarcalismo ainda está embutido no subconsciente das sociedades. Embora as Constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, o patriarcalismo ainda se manifesta de alguma forma. Suas raízes germinaram no ideário humano ao longo dos séculos e ainda hoje é preciso indicar as formas e as ocasiões em que aparece o efeito do patriarcado para fazer valer o ideal de igualdade entre as pessoas. Como assegura Zinani (2009, p. 59-60), o poder do patriarca alicerça-se na ideia dos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que o exerce no interesse deles próprios, uma falsa proteção que outorga as submissões a que as mulheres estão entregues.

Nesse momento de visibilidade às causas femininas, em que grandes autoras ganham destaques e inauguram o conceito de *literatura feminina* ou *Literatura de autoria feminina* como Clarisse Lispector, Conceição Evaristo e muitas outras mulheres, está inserida a baiana Helena Parente Cunha, poetisa, contista, romancista e ganhadora de muitos prêmios. Com inúmeros títulos publicados no Brasil e no exterior, Helena Parente possui uma escrita *sui generis*, marcada por sentidos independentes, o que a torna uma escritora aclamada pela crítica, sobretudo, de fora do país, cuja vasta obra precisa ser estudada nos centros universitários.

Dentre as obras dessa autora, propomo-nos a analisar o romance *Mulher no espelho*, tendo como bases os conceitos de identidade e patriarcalismo, observando como essas concepções estão imbricadas na construção da visão que a mulher tem de si mesma e do outro. Essa obra, publicada em 1985, transborda os valores patriarcais e apresenta a questão da identidade de forma contundente.

Aplaudido pela crítica, vencedor do Prêmio Cruz e Sousa, traduzido na Alemanha e Estados Unidos, o romance transforma o leitor na testemunha de que a personagem necessita para ser “perdoada” por subverter a ordem “natural” imposta pelo ideal *falocêntrico*.

Em 41 curtos capítulos não nomeados, Helena Parente Cunha apresenta a história de uma mulher de 46 anos, abandonada pelo marido e pelos 3 filhos. Sem nome, a protagonista vê seu ideal de família perfeita corroído e, a partir da própria imagem refletida no espelho, passa a reflexão sobre quem é, o que foi e suas culpas interiores. Essas ponderações e batalhas internas da mulher levam o leitor para um campo angustiante e intransponível de ensimesmamento da personagem.

A narrativa inicia com o conflito dos ‘eus’ que compõe toda a tessitura do texto. Esse duelo será responsável por revelar o subalterno espaço em que a mulher é inserida na sociedade pautada no patriarcalismo:

E vou começar minha história. Agora, na superposição de meus rostos, em convergência de datas. Aqui, no cruzamento de meu corpo com o espaço de minhas imagens. Tenho o que dizer, pois vou dizer-me a mim mesma, como qualquer pessoa que se põe diante da memória e dos espelhos. (CUNHA, 2001, p. 17).

Nesse momento, a protagonista está defronte de um espelho. E seu duplo refletido será seu algoz, uma vez que representa a voz da repressão por não reconhecer nem validar as ações submissas e, posteriormente, subversivas da protagonista. Por meio das memórias, muitas vezes traumáticas, que se confundem com o agora, o leitor visualiza dois ‘eus’ digladiando em fluxos de consciência em busca de sua identidade apagada pela simples condição de ser mulher.

Esse *alter ego*, criado como válvula de escape e libertação desejada, é referido apenas como “a mulher que me escreve”. No confronto com esse duplo, o leitor tem acesso ao passado de sofrimento, cerceamento e subalternidade a que a personagem foi submetida ao longo da vida. Aliás, realidade vivenciada também pela mãe da protagonista, apontando a histórica condição de vassala da mulher, construída em discursos machistas, psicopatológicos e diabólicos, como os registrados em *Malleus Maleficarum* (1486/87)², por exemplo.

² Traduzido para português como *Martelo das Feiticeiras* ou *Martelo das Bruxas*, é um livro escrito em 1484 e publicado em 1486 (ou 1487), por dois monges alemães dominicanos, Heinrich Kramer e James Sprenger, que se tornou uma espécie de "manual contra a bruxaria". O livro foi amplamente utilizado pelos inquisidores e servia para identificar

Minha mãe repetia certas frases. Normas de vida. Em primeiro lugar, o marido, em segundo lugar, o marido, em terceiro lugar, o marido. Depois, os filhos. Sim, ela era muito feliz. Toda cheirosa, à espera de que meu pai voltasse do trabalho. Ela o esperava. Perfumes, silêncios, sussurros. Seu sorriso pequeno. Eu olhava. De longe. (CUNHA, 2001, p. 31).

Essas ‘normas de vida’, repetidas por séculos, marcam a separação de lugares sociais nas culturas, mesmo naqueles em que o número de mulheres é mais expressivo do que o de homens. Ao homem competia ser o provedor e administrador da família, e à mulher cabia aceitar as imposições masculinas, seguindo um ideal de beleza e comportamento ditados pelos homens, deixando qualquer trabalho intelectual para eles:

Durante muito tempo esperou-se que as mulheres fossem ‘femininas’ e isso implicava que mantivessem uma postura simpática, sorridente. Um comportamento feminino exigia solicitude permanente, discrição, submissão, decoro e contenção ou mesmo apagamento, designadamente na esfera pública. (BAMISILE, 2012, p. 47).

Esse comportamento de submissão aludido por Bamisile, embora se refira suas análises às mulheres africanas, apresenta um cenário pancultural, é apreendido à base de pontapés e espancamentos: “uma vez precisei apanhar a fim de parar de chorar” -, pela protagonista de *Mulher no espelho*:

Usar ou não usar batom, esta não é na realidade nenhuma questão. Eu não uso batom. Meu pai não gostava, meu marido não gosta [...] (CUNHA, 2001, p. 63).

Desde cedo a conter as minhas emoções. A minha extroversão se canaliza em introversão. Posso explodir diante dos espelhos. Mas sempre quando estou só. As cores das minhas roupas são contidas como os meus gestos. Fui obrigada a assumir a contenção. Obrigaram-me-obriguei-me. (*Idem* p. 75).

Todo esse poder do varão que subjuga a mulher, o macho-alfa e criador, que se julga “o ser perfeito, o ápice de 15 bilhões de anos, isolado e único e se arroga o senhor de todas as coisas, de tudo pondo e dispondo ao bel-prazer para a realização de seus desejos e projetos”. (CANTARIN, 2012, p. 78), necessita permear todas as esferas sociais, incluindo ideologia, cultura, política e a legislação, para que permaneça dominando: “eu olhava para ele dormindo entre suas fitas e bordados azuis, cor de menino” (CUNHA, 2001, p. 70). Assim, é possível ao patriarca decidir e estimular suas concepções que justificam a manutenção tanto de seu *status* superior quanto do *status* inferior de seus subordinados, como no trecho abaixo em que as imposições do marido eram o ponto de partida para o comportamento da protagonista:

bruxas e os malefícios causados por elas, além dos procedimentos legais para acusá-las e condená-las. (KRAMER, 2016, p. 5-47).

Meu marido gosta de me ver bem arrumada. E mais. Não quer me ver envelhecida. Por um lado isto é muito bom demonstra seu interesse por mim, seu amor. Dizem que não aparento os quarenta e cinco anos que tenho. Mas as rugas despontam e não é fácil escondê-las. Felizmente, não preciso me preocupar com regime, magra demais que sou, silhueta leve e jovem. Meu marido faz questão de aparência jovem. Rosto liso, gesto flexível, porte pronto ao repentino. (CUNHA, 2001, p. 39).

A figura da mulher “linda, recatada e do lar” continua a ser o ideal ditado pelas sociedades mundo a fora, engendrando um estilo de vida perigoso e que ceifa vidas mil, na busca incessantes pelo os de enquadramentos: “se eu evitar chorar, além do exercício de autocontrole, estarei aliviando o peso das rugas” (*Idem*, p. 40).

Essa tentativa de manter a mulher na condição de objeto provoca muitos danos na identidade feminina, e em muitos casos, os danos se estendem à saúde psíquica da mulher, como vemos no conto *O Papel de Parede Amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman, em que a personagem central sofria de “problemas dos nervos”, desenvolvidos a partir do carinho autoritário do marido e da cunhada, que a pusera enclausurada nas amarras matrimônias e convenções sociais da época.

Em virtude da vida controlada pelo pai, a protagonista de *Mulher no espelho* tem uma vida social conturbada, inclusive com poucas amizades, sofre *bullying* por desconhecer muitas coisas “eu não sabia o que era virgindade. Pensava que ser virgem era ser boa como a Virgem Maria”, é espancada pelo “pai autoritário que eu superamei”, por nomear o diário e o travesseiro com substantivos próprios (Franky e Dohnny, respectivamente), o que fez o pai pensar que fosse uma relação fora da instituição do casamento.

[...] Eu ignorava o significado de virgindade. No meu diário eu registrava os meus passos no desconhecimento do sexo. Usava palavras cuja ambiguidade eu desconhecia por puro desconhecimento. Vocês são capazes de imaginar o espanto que se apoderou de mim quando, ao voltar da aula, encontrei meu pai possesso, o diário numa das mãos gesticulando, vermelho, o cabelo caído na testa, a testa cruzada de rugas verticais e horizontais. Sua vagabunda. O cinturão de couro tremia na outra mão. [...] Sua imoral, sua perdida, sua desgraçada [...] as marcas do cinto em meu corpo começando a sangrar. (CUNHA, 2001, p. 83)

Essa e muitas outras situações-limite que a autora magistralmente registra em *Mulher no espelho* fizeram a protagonista pensar em suicídio: “poderia escolher o suicídio, uma vez que todo o meu mundo ruiu”.

Mas, mesmo tomada pelo remorso representado pelas interferências do duplo, a certa altura da narrativa, a identidade das personagens passam por um processo de transformação/negociação e a protagonista arrisca subverter a dominação:

Nos momentos em que estou realmente sozinha em casa, tranco-me no quarto, ligo o toca-disco e me ponho a dançar. Onda e som. Pulo para outra margem, liberada dos nós e dos sinais. Balanço marcado, corpo inteiro enredado no ritmo profundo. Gosto de vestir um dos meus vestidos proibidos, interditados por meu marido como indecentes. Sorriso cúmplice de mim mesma. Abaixo mais o decote. Cores em gritos, maquiagem especial. Nos olhos, muita sombra, muito rímel. Os cílios postiços. O cabelo despenteado caindo em cima da testa. Abaixo ainda mais o decote. (Cunha, 2001, p. 46).

Nesse momento, a protagonista inicia uma ruptura com o sistema massacrante a que foi submetida. Ela, por alguns instantes, atira-se para fora do círculo em que se fecha, em que a fecharam.

É usando as armas da sedução que a protagonista efetivamente conclui a ruptura do sistema patriarcal e, finalmente, se liberta das amarras que a subjugavam, embora a recriminação representada pelo seu *alter ego* ainda persista. Esse mesmo duplo que outrora a incentivava a libertar-se, agora recrimina veementemente os atos da protagonista, culpando-a pelos fracassos da descendência de Eva, que as mulheres carregam.

Eu agora vou virar a mesa. De agora por diante estou livre de todo e qualquer preconceito. Necessito de gozar a vida da qual fui banida. Continuarei a criar a minha realidade de independência da mesma forma que inventei a minha submissão. (CUNHA, 2001, p. 17).

A partir dessa decisão, a protagonista não aceita mais as culpas: “cansei-me de morrer coagulada, afivelada [...] vocês pensem o que quiserem, podem rir, podem até gargalhar[...] (CUNHA, 2001, p.124).

A essa altura da narrativa, a protagonista, não aceita mais as ‘culpas seculares’ e os flagelos de seu próprio fracasso que seu duplo insiste em lembrar. Ela não necessita mais ter que suportar a “obesidade suada e mau cheirosa” do corpo “balfo” do marido e proclama:

[...]eu, mãe de família exemplar, a filha obediente e abnegada, a esposa casta e cheia de virtudes, eu, a tímida e a pura, a inocente e a ingênua, eu, eu proclamo a legitimidade do prazer praticado por livre vontade e com a pessoa escolhida, independente de vínculos matrimoniais. (CUNHA, 2001, p. 122).

Mas, novamente o duplo algoz, sendo a voz da consciência, pretende que a protagonista reflita e volte atrás na decisão de viver a vida ousadamente, pois seu comportamento estaria provocando a desgraça dos filhos, envergonhados com o despudor e indecência da mãe. A protagonista não se deixa mais enterrar nessas culpas e enfrenta o filho, metaforicamente também, o mundo:

Cansei de lutar por você. Por você e seus irmãos. Me sacrifiquei. Me imolei. Virei cinza. Agora basta. Eu, sua mãe, faço o que eu quero e não admito que filho venha me dizer o que é certo, o que é errado. Vá para seu quarto, repito. Você não tem nada que ir na sala quem eu quiser. (CUNHA, 2001, p. 142).

Tomando as rédeas da própria vida, assumindo essa nova identidade, a protagonista reforça dois estereótipos opostos que representam a figura feminina, tanto na vida como na própria literatura, ambos criados pelo olhar do homem: o anjo doméstico e o monstro, conceitos alcunhados por Virgínia Woolf em *Um teto todo seu* (1990).

Segundo Hall (2006, p. 39), “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. Levando em consideração os pensamentos de Hall e os estereótipos apresentados por Virgínia Woolf, tanto a protagonista quanto seu duplo parecem transitar entre essas duas identidades ‘preenchidas’ pela alteridade. Os ‘eus’ dessa mulher estão sempre em oposição, como um lembrete incômodo da figura

[...] da mulher ‘eunuco’, castrada pelo poder patriarcal que condicionou as mulheres a aceitar estereótipos a cerca de si mesmas e encarar seu corpo, sexualidade, intelecto, emoções e a própria condição com os olhos masculinos. (DICIMO *apud* CANTARIN, 2012, p. 81/82).

Por subverter a hegemonia masculina, não assumindo sua função “natural” de ponte necessária para que seus filhos pudessem passar do meio natural ao cultural, a protagonista e seu duplo gravitam mais em torno da mulher monstro e/ou bruxa³, como desenhada em *Malleus Maleficarum*.

Culturalmente vista como culpada e causadora de desgraça, as duas mulheres sofrem a desforra do sistema patriarcal em que estão inseridas. Ambas são penalizadas, embora intimamente, pela morte do filho:

Acabou. Percorremos nosso caminho até o último passo. Agora estamos paradas, uma olhando para a outra, os pés roídos de ratos. Os espelhos multiplicam as imagens até o infinito. Mas nosso remorso nos une. O cheiro de rato sufoca o cheiro que vem da mangueira milenar. Meu rosto no espelho é o dela. Ela sou eu. Eu sou ela. Ombros envergados. Olhar arriado. O cruzamento eu-com-ela fechou-se no estreito eu-comigo. Somos apenas uma. Somos eu. (CUNHA, 2001, p. 174-175).

³ BYINGTON, no artigo que prefacia *Malleus Maleficarum* aponta dois arquétipos da psique: Grande Mãe e do Grande Pai. Segundo esse o autor, “eles têm um poder psicológico tão grande que a dominância de um tende a desequilibrar o *self* individual ou cultural às expensas das características do outro”. O autor mostra esse processo ao longo da história e como esse dinamismo culminou na criação do demônio e das bruxas.

Mulher no espelho é um romance instigante, pois envolve o leitor, mesmo os mais desatentos, com sensações vivenciadas pelas personagens, provocando um sentimento de solidariedade e um necessário pedido de desculpas histórico. Para além disso, a tessitura da obra ora acelerada, ora de reflexão profunda, marcada pela ausência dos sinais gráficos de pontuação, frases nominais e filosóficas, neologismos e o uso do discurso indireto livre, torna a leitura do romance agradável.

Helena Parente Cunha incluiu em seus romances muitas questões importantes, como a cor local, as inquietações da mente, a memória traumática. Além dessa ampla possibilidade de estudos oferecido na obra, a interdisciplinaridade é outro traço marcante em *Mulher no espelho*, que imprime um valor incomensurável ao texto. Impossível não perceber também a influência de autores como Guimarães Rosa, José Saramago, Jorge Amado e, lindamente, Clarice Lispector.

Reconhecendo que há muitas posições de sujeito que a mulher deve e merece ocupar, pois não se é uma única coisa, como diz Spivak (1994), as mulheres estão saindo da posição de objeto e lutando contra a discriminação, violência e abuso que persistem em diferentes culturas. Nesse cenário, *Mulher no espelho* soma muito na busca de lugares em que prevaleçam os ideais de igualdade de gêneros, mostrando que a mulher pode ser 'linda', 'recata' e...de onde ela quiser.

O estudo aqui realizado, longe de querer ser minimamente exaustivo, mostrou que a literatura ajudou a forjar um novo paradigma cultural e social para as mulheres, mostrando que as questões relativas a identidade de gênero ainda necessita de muita pesquisa, pois urge a mudança de mentalidade social para que casos violência, cerceamento da liberdade, mesmo no campo simbólico, possam acabar e a boa literatura, como a de Helena Parente Cunha pode colaborar e muito para essa importante discussão.

A importância desse estudo reside no fato de se ampliar o conhecimento sobre a produção literária feita por mulheres e sobre as relações identitárias na contemporaneidade. Este trabalho preencherá uma lacuna dos estudos sobre a obra da autora, ampliando os estudos que não apenas contestam um mundo de cultura hegemônica, mas que também se quer literatura.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BAMASILE, Sunday Adetunzi. *Questões de gênero e da escrita feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana*. Lisboa-Portugal, 2012. (Tese)

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

CANTARIN, Márcio Matiassi. *Por uma arrumação do mundo: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosóficos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 3 ed. Trad. Kluass Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUNHA, Helena Parente. 6. Ed. Rio de Janeiro: Edições Brasileiro, 2001.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro; DP& A, 2006.

_____. Quando foi o pós-colonial. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KRAMER, Heinrich. *O martelo da feiticeira*. Trd. Paulo Fróes; Rose Marie; Carlos Byington. 3 ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2016.

LAURENTIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura*. (Org.) Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Quem reivindica alteridade? In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*/ Org. de Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.